

## O ABSOLUTO E O CONTRADITÓRIO: O ROMANTISMO SUBVERSIVO EM MARQUÊS DE SADE

Daniela Casoni MOSCATO<sup>1</sup>

GIANNATTASIO, G. *Sade, um anjo negro da modernidade*. São Paulo: Imaginário, 2000. 206 p.

O livro *Sade, um anjo negro da modernidade* é prova de que o “divino Marquês” – nome pelo qual Sade passou a ser chamado pelos surrealistas – e suas reflexões produzidas no século XVIII, ainda são capazes de seduzir os leitores. Essa percepção impõe-se a qualquer análise que se faça da obra de Giannattasio, pois, nela, é difícil distinguir a voz do Marquês daquela do autor.

Na obra, dividida em oito tópicos, Giannattasio convida-nos a participar de um banquete muito particular – não nos esqueçamos de que o banquete é um componente fundamental do imaginário libertino – em que os convidados formam a legião dos “anjos negros da modernidade”. É nesse singular repasto que o autor apresenta sua tese: Sade romântico.

Esse romantismo latente permeia, sutilmente, todo o texto e as análises do autor. O banquete é tomado aqui como a metáfora do teatro das idéias, ou, para ser mais claro, é como se cada convidado tivesse sido chamado pelo autor para dissertar sobre Sade ou sobre as questões fundamentais do pensamento sadeano. Pouco importa a variação dos temas - historiográficos, metodológicos, filosóficos -, a polêmica, a contradição é o fio que vai alinhavando e construindo um mosaico de vozes. No tópico derradeiro, denominado “Sade romântico”, a proposta alcança seu clímax, como se ali encontrássemos as respostas do jogo de enigmas proposto no início do livro.

As reflexões acerca do pensamento sadeano e sua relação com o romantismo circunscrevem-se, sobretudo, ao campo da história das idéias e da história da leitura. Inserido nesses territórios, o autor sente-se à vontade para realizar os mais arbitrários deslocamentos temporais. As idéias assim se comunicam para além dos diques da temporalidade clássica. Não será estranho reconhecermos Sade comunicando-se com os sofistas, epicuristas e estóicos da antiguidade grega: as idéias e o pensamento voam! Menos estranho ainda, será vê-lo identificado ao movimento romântico, mas não àquele romantismo datado, piegas e historicamente circunscrito ao século XIX.

---

<sup>1</sup> Mestranda – Programa de Pós-graduação em História – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Universidade Estadual Paulista – 19800-000 – Assis – SP – [historiar@onda.com.br](mailto:historiar@onda.com.br)

Não! As afinidades do pensamento sadeano são com os princípios do ‘Tempestade e ímpeto’ de Goethe, de Schiller, de Herder, de Hamann e de Lenz.

Sem dúvida alguma, trata-se de um trabalho que não pode ser lido a partir dos lugares comuns da história, como, por exemplo, a distância entre sujeito e objeto do conhecimento; a pesquisa histórica como investigação da verdade; a história como mestra da vida.

Uma das questões que permite considerar Sade um romântico deve-se, especialmente, a uma dada concepção do romantismo, vista por Giannattasio e outros historiadores das idéias – como Isaiah Berlin, autor de um trabalho inédito no Brasil intitulado *Le radici del romanticismo* – como um movimento rebelde e plástico, passível de ser reconhecido em diferentes temporalidades humanas. A força que estaria na origem do romantismo é exatamente a compreensão da vida como movimento, mudança incessante e marcada pelo paradoxo, ou seja, pela impossibilidade de a existência ser guiada pela verdade. Por isso, Sade só pode ser reconhecido por meio da multiplicidade de suas máscaras.

Nesse sentido, as análises de Eliane Robert Moraes acerca de Sade – fartamente utilizadas pelo autor – colaboram, não apenas para a compreensão do pensamento sadeano (como apropriação da cultura iluminista no sentido de subvertê-la), como indicam um caminho singular aos estudos que pretendem **compreender e entender** Sade. Um método tão particular quanto o do próprio Marquês: interpretar Sade por meio de um pressuposto que seria indicado por ele próprio. Para que esse método seja possível, Giannattasio insiste nos elementos que a narrativa revela e que não podem ser compreendidos fora das relações obra/autor (por isso a necessidade de se trabalhar com as obras completas) e leitor/obra. A alcova sadeana se constituiria assim no único espaço possível de aplicação desse método, pois, nela, as idéias devem ser avaliadas, submetidas ao corpo, e é este último – o corpo – que detém o poder da última palavra, ou seja, Sade propõe a inversão do método platônico.

Todavia, percebe-se, no decorrer da obra, que o caminho metodológico escolhido pelo autor – compreender as reflexões sadeanas pelas pistas que se apresentam na correspondência ou nas personagens de suas narrativas – está apoiado em várias interpretações e análises acerca do pensamento sadeano e da crítica literária, mesmo naquela não especializada em Sade. Na verdade, a própria singularidade do objeto – que efetivamente é atravessado por uma pluralidade de interpretações – conduziu e justificou a escolha do método, mesmo que esse não se faça visível em alguns momentos da análise.

Lançando mão destes recursos, o autor amplia o quadro de troca e comércio das idéias, estabelecendo um diálogo entre a reflexão filosófica sadeana e temporalidades históricas outras. Não é inoportuno repetir que tais temporalidades transcendem os limites biográficos e cronológicos circunscritos ao século XVIII. Dessa forma, pode-

se reconhecer, no capítulo intitulado “Leitores e leituras de Sade”, as marcas que a literatura sadeana deixou nos séculos XIX – particularmente na geração dos românticos franceses – e no século XX – por meio da apropriação surrealista de Sade.

Já as matrizes do pensamento sadeano começam a se tornar mais claras no capítulo denominado “O absoluto e o contraditório”. É nele que a figura transgressiva de Sade começa a se tornar visível, que ele aparece como um interlocutor crítico da erudição enciclopédica e passa a ser considerado como uma espécie de filósofo anti-iluminista que opõe, ao plano das certezas racionais, as tensões da ambigüidade e do paradoxo. A clareza do traço reto se desagrega na lógica sadeana num caleidoscópio de sensações. Só por meio do exercício da imaginação – tão cara aos românticos – possível superar os paradoxos da existência: ‘todo prazer está na imaginação’, afirma Sade. Dessa forma, opõe – em seu modo muito particular de pensar – a imaginação à razão, a poesia à ciência, a natureza a Deus.

Sem dúvida alguma, o capítulo nomeado “O absoluto e o contraditório” ocupa um lugar chave na análise de Giannattasio, pois ele serve de guia aos capítulos seguintes, “Deus e natureza e razão e imaginação”. A filosofia, com Sade, reconquista sua dimensão perdida, volta a ser um *Pharmakon* da existência. Perseguindo essa idéia, Giannattasio nos faz ver que o laboratório sadeano não é composto por anjos ou diabos, Lúcifer ou arcanjos, virtuosos ou viciosos, porque nada está fora da alcova libertina – e isso explicita a simpatia nutrida por Sade pelos banquetes orgiásticos, pois, à mesa de tais banquetes, toda força se faz presente.

Quem não é capaz de lançar um olhar à nossa contemporaneidade e de reconhecer nela o argumento da força, ao invés da força do argumento? Mas isso é histórico e a crueldade é o sentimento mais genuinamente humano. Pois bem, a filosofia de Sade nasce para desnudar o coração do homem e mostrá-lo na sua mais íntegra hipocrisia. O pensamento sadeano quer declarar aquilo que se oculta sob a astúcia das belas palavras, dos nobres gestos, das boas intenções.

E por mais paradoxal que possa parecer é desse lodo existencial que nasce o Sade romântico, pois é preciso ter vontade suficiente para olhar-se no espelho e dizer: isto é humano! Reconheço em mim todos os vícios e todas as virtudes do mundo e não posso e nem quero me purificar e, por ser e pensar assim, sou mais homem do que os homens, sou mais deus do que Deus!

■ ■ ■